

# Educação Ambiental de Corpo&Alma

---

*Para citação:*

RIBEIRO, I. C. Educação Ambiental de Corpo&Alma. In: SEABRA, G. (org.). Educação Ambiental no mundo Globalizado: uma ecologia de riscos, desafios e resistência. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2011, p.39-64.

**\*Neste texto, as páginas foram “quebradas” para obedecer à numeração original da publicação.**

## **Educação Ambiental de Corpo&Alma**

*Ivana de Campos Ribeiro*

De acordo com o pensamento de Thomas Kuhn, o desenvolvimento da ciência se dá através da ruptura com os paradigmas existentes. Kuhn define como paradigma *“aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em indivíduos que partilham um paradigma”* (apud Japiassu e Marcondes, 1995, p.189). Paradigma refere-se a modelo, padrões compartilhados que permitem a explicação de certos aspectos da realidade e implica uma estrutura que *gera novas teorias*. Assim, para este “filósofo da ciência”, as grandes mudanças teóricas não se dão a fim de “melhorá-las” ou “aprimorá-las” (as teorias), mas no sentido de substituí-la por outra.

Morin, ao discutir a posição de Kuhn, afirma que a ciência não se realiza por acumulação dos conhecimentos, mas, *“por transformação dos princípios que organizam o conhecimento”* (1996, p.137). Independentemente das teorias a respeito da evolução da ciência, tem-se a consciência de que as mudanças, as transformações ocorrem e sempre ocorrerão, na ciência e em todas as formas de organização da vida social, pois é característica dos seres vivos, assim como a necessidade de um novo paradigma, como caminho para alcançar uma percepção um pouco mais abrangente daquilo que se pretende investigar ou organizar.

Em determinados momentos uma visão ou paradigma se altera, provocando uma revolução que abre caminho para novos tipos de desenvolvimento científico (ou não científico) como ocorrido na passagem da ciência antiga à ciência moderna, ou ainda, na passagem da Física Clássica para a Mecânica Quântica.

A partir do pensamento sistêmico, do grego *synhistanai* ("colocar juntos"), a organização social, seus aspectos cognitivos e psicológicos, dentro de um quadro emoldurado pela sua época e pela evolução cultural, tornam-se relevantes fontes de dados para que possamos encontrar respostas e soluções para a crise ambiental que vivemos. O pensamento sistêmico é reflexo da necessidade da busca de novas fontes para que se construam pontes que colaborem na

construção de uma nova sociedade. Sem negar a racionalidade científica, abraça a subjetividade humana proveniente das *artes* e da *espiritualidade*.

Assim, emergiram paradigmas inovadores como o *pensamento complexo*, com sua visão global, holística, sistêmica, a qual vê o mundo com um todo integrado e não como partes dissociadas a exemplo da própria natureza. Daí a re-união das partes, que englobam também as dimensões humanas mais profundas e da sua produção de conhecimento para além dos pouco mais de 300 anos da ciência moderna. Neste sentido, a percepção *ecológica profunda* reconhece a interdependência fundamental entre todos os fenômenos da natureza e da natureza humana.

Com um olhar camaleônico, buscamos possibilidades tanto na ciência como da tradição, para ampliar nossos horizontes, buscando novos caminhos para a Educação Ambiental. Ubiratan D'Ambrósio lembra que no início do século XX assistimos a um verdadeiro e forte rompimento com as representações tradicionais de homem, da natureza e do cosmos, devido aos trabalhos de Sigmund Freud, Max Planck e Albert Einstein (2011, p.5)

Em outras palavras, precisamos ousar quando uma ideia ou modelo (paradigma) já não corresponde ao que internamente nos motiva. Muitas vezes os paradigmas vigentes não sustentam as ideias resultantes das nossas reflexões. Ousar significa abandonar um paradigma, sair em busca daquilo que dê suporte àquilo que se “acredita”. Certa vez, por volta de 2000, comentava com Marcos Reigota sobre a dificuldade em encontrar os referenciais que buscava acerca da afetividade. Até então não havia encontrado nenhum referencial que amparasse as conclusões advindas de experiências empíricas vividas. Sua sugestão foi, “escreva você!”. Uma contribuição para as lacunas existentes neste campo.

Escrever sobre afetividade então, não significava partir do nada em termos referenciais, mas ser guiada pela intuição, uma forte característica da *transdisciplinaridade* e da *sociopoética*. E o que significa intuição senão nossos *insights*? In, dentro e sigth, vista – vista para dentro, olhar para dentro, visão interior, enxergar/perceber as coisas com a “visão” interna, intuição.

O objetivo desse trabalho é um *acordar* para novas possibilidades, uma contribuição para o “estado da arte” da Educação Ambiental. Um entrar em acordo. Um acordo entre a Educação Ambiental e a Educação em Valores Humanos (VH). Neste sentido, vale dizer que este *acordar* implica também um *despertar* da nossa atenção ao que já está, em outra instancia, acordado, pois nunca esteve adormecido, a não ser na singeleza da nossa razão.

### 1. A libertação dos “pré-conceitos”

Durante a Antiguidade Grega, Platão (427-347 a.C.), discípulo de Sócrates, seguidor das ideias de Parmênides, considerava o corpo como o cárcere da alma, negava o movimento e considera o conhecimento sobre as “verdades eternas” algo possível apenas através da razão, desconsiderando a percepção (RIBEIRO, 2005). Em sua *Teoria das Ideias* - o mundo era dividido em duas partes; o mundo dos reflexos, sensível, visível - um mundo de ilusões, das aparências, de enganos, um mundo caótico, aquele que percebemos, um mundo finito e transitório, cópia imperfeita do mundo inteligível - e o mundo invisível, das ideias - padrão, modelo perfeito de tudo aquilo que pode ser observado, um mundo ideal e eterno. De certa forma, ele estava certo.

No mesmo período, Aristóteles (384-322 a.C.), guiado pelo pensamento de Heráclito, ia contra as ideias de Platão e, apesar de ter sido seu discípulo, não considera o corpo como cárcere da alma, reconhecia a importância dos sentidos no conhecimento. O movimento para ele era coisa essencial. Tão essencial que ensinava seus discípulos passeando (do grego *peripatein* - daí, o conjunto do seu sistema filosófico e de seus discípulos ser conhecido como *peripatetismo*). Para Aristóteles, o conhecimento vinha da experiência, de um processo de observação da natureza onde os caminhos do conhecimento são os caminhos da vida (RIBEIRO, 2005). Ele também estava certo.

E assim como Platão, se pautando em Parmênides e Aristóteles em Heráclito, as vias paralelas percorreram séculos, Santo Agostinho na Idade Média e Descartes no Período Moderno, seguindo Platão e Tomás de Aquino, John Locke, em períodos equivalentes a tradição aristotélica.

O que queremos destacar é a importância de uma visão não excludente, mas “acordante” (nos dois sentidos), pois Platão e Aristóteles possuíam cada um, uma parte da verdade. Séculos se passaram e a ciência ainda acredita que uma coisa prescinde a outra, quando são lindamente complementares, como preconiza o *pensamento complexo*.

No afresco *Escola de Atenas*, Rafael Sanzio (1483-1520), Platão aparece segurando o Timeu e aponta para o alto, ilustrando o mundo inteligível ou o ideal. Aristóteles segura a Ética e tem a mão na horizontal, representando o terrestre, o mundo sensível. É sem dúvida emocionante perceber hoje o que a sensibilidade, a poesia dos artistas já percebiam – a complementaridade.

Vale lembrar que para o filósofo francês, Lytard em 1924, via a necessidade de superação da modernidade, principalmente da crença na ciência e na razão emancipadora que nada mais faz do que perpetuar a subjugação do indivíduo. Inspirado pelo Romantismo, considerava que a emancipação deve ser alcançada através da valorização do sentimento e da *arte*, daquilo que o homem possui de mais criativo e, portanto, de *mais livre* (Japiassu e Marcondes, 1995, p.156).

## 2. Bons exemplos de acordo

O *pensamento complexo* (MORIN, 1996; ATLAN, 1992; PRIGOGINI, 1991), a *transdisciplinaridade* (WEILL, 1993; NICOLESCU, 2001; D’AMBRÓSIO, 1997) e a *sociopoética* (GAUTHIER, 2000; SANTOS et al, 2005) são caminhos que podem colaborar para estas trans-formações paradigmáticas de forma mais efetiva, colaborando para o “estado da arte” da Educação Ambiental.

Assim, esta proposta de “acordamento” encontra “eco”<sup>1</sup> na *sociopoética*, pois, de acordo com Gauthier (2000), este *método de pesquisa* e aprendizagem objetiva *inclusões*, marcada pela percepção sistêmica é a amálgama entre: a mente (cabeça), o corpo, a emoção, a intuição, a sensualidade e a sexualidade; o diálogo entre as culturas, sobretudo as dominadas e/ou de resistência; a contribuição dos não especialistas como capazes de participarem da produção do conhecimento; entre aprendizagem científica e

o desenvolvimento artístico, a dimensão eco cósmica do corpo e das sociedades imanentes ao ambiente natural ou ecológico e a espiritualidade.

Como já apontado, encontra também “eco” na *transdisciplinaridade*, uma vez que é considerada uma abordagem científica, cultural, espiritual e social, estando ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas, além das disciplinas, e o mais encantador (!), *antes* das disciplinas, abraçando toda espécie de conhecimento produzido por milênios em todo o planeta Terra e não apenas os filhos do Discurso do Método, em seus singelos trezentos e poucos anos. A transdisciplinaridade busca a compreensão do mundo presente através da unidade de conhecimento (D’Ambrósio, 1997, Domingues, 2001, Nicolescu, 2000). E, embora guarde em si a palavra *disciplina*, busca transcender a própria disciplina, pois como lembra D’Ambrósio, o prefixo *trans* remete ao que está entre, através e além das disciplinas. “A *transdisciplinaridade vai além do que chamamos disciplina, que é a memória do conhecimento*”, onde intuição ou os *insights*, onde se nascem também às *hipóteses*, tem profunda importância.

Por sua vez, a *transdisciplinaridade* convive em perfeita harmonia com o *pensamento complexo*. Como lembra Nicolescu, “*a complexidade nutre-se da explosão da pesquisa disciplinar e, por sua vez, a complexidade determina a aceleração da multiplicação das disciplinas* (2001, p.41)”. Mas o que seria a complexidade?

De acordo com Morin (2000), é “*à primeira vista, é um fenômeno quantitativo, a extrema quantidade de interações e interinfluências entre um número muito grande de unidades*” (p.51). Porém, Mariotti (2000) afirma não haver um conceito teórico que defina a complexidade, afirma existir sim, “*um fato de vida*” (p.87). Para este autor, a complexidade “*corresponde à multiplicidade, ao entrelaçamento e à contínua interação da afinidade de sistemas e fenômenos que compõem o mundo natural. Os sistemas complexos estão dentro de nós e a recíproca é verdadeira* (p.87)”.

Quando tratamos de “sistemas”, podemos conceituá-lo como a “organização de um todo ordenado, mostrando claramente a interligação de todas

as partes umas com as outras e com o todo de um modo geral” (Thompson, 1973, p.45). O universo é o exemplo do maior de todos os sistemas, contendo em si elementos que variam em grau de complexidade. Um átomo também é um sistema. Assim, o objetivo de um sistema é organizar-se para atingir um determinado fim.

Guevara (1998), reconhece que o atual momento é de recuperação, revitalização e atualização,

*“do natural, dos valores humanos e espirituais; das artes, da religião e da ecologia; da estética e da transcendência. Ele é propício para o diálogo entre a ciência e a tradição, entre o racional e o intuitivo, que permite uma nova interpretação integradora da realidade mais criativa e vital, como uma dança sem fim. O conhecimento milenar das tradições representa uma herança preciosa para a humanidade, e ela vai de encontro às modernas descobertas científicas; porém, ainda mais importante, é redescobrir a sua metodologia de pesquisa, isto é, precisamos conhecer sua forma de aprender a aprender e sua forma de codificar e transmitir o conhecimento” (p. 57).*

Assim, sem superar ou refutar conhecimentos nossa proposta de “acordo” segue em sua exposição.

### **3. Uma Educação Ambiental de Corpo&Alma**

O final da década de 90, nasce a Educação Ambiental de Corpo&Alma (RIBEIRO, 1998), em meio ao advento do *pensamento complexo* e dos sistemas *auto organizados*, da introdução da “sensibilização” como elemento indispensável à Educação Ambiental, surgia uma proposta de Educação Ambiental que via o investimento na alma humana como quesito fundamental a qualquer intervenção educacional.

Até então, sua base teórica era um tecer de fundamentos de áreas como a Filosofia, a Ecologia, a Psicologia, a Motricidade Humana e as Neurociências. Devidamente elucidados os conceitos de alma e suas relações com as questões socioambientais, acabou por receber uma menção honrosa durante a 49ª Reunião

Anual da SBPC, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em 1997 e incluída como proposta "inovadora" durante o "VI Congresso en la Didáctica de la Ciencia (Barcelona- Espanha - 2001)".

Esta proposta nasceu do contato com uma classificação de Sorrentino (199\_?) na qual propunha *cinco ecologias* ou cinco *questões ecológicas*. Todas elas tratam do estudo das relações do ser humano com sua morada, ou seus ambientes, "*para cada abrigo de nossa existência podemos encontrar uma ciência, ou uma vertente da ecologia, procurando estudá-la*" (p.10).

A Primeira morada tem início no "que há de mais próximo do ser humano, o estudo de sua casa mais interior, aquela que abriga nossos sentimentos, nossa alma, nosso espírito, nosso imaginário e nossas paixões - seria a ecologia da alma ou o que chamamos nosso viver" (p. 10). Seria a própria essência do ser humano, com seus valores, seu modo de pensar, de agir e até mesmo, de estar presente no mundo. Essa, que o autor chama de Primeira dimensão ecológica é fundamental no estudo da relação do homem com o meio ambiente. A Segunda delas trata do nosso corpo físico, o qual abriga nossa alma, nossa vida. Cabe a essa Segunda dimensão ecológica o estudo da preservação/conservação dessa casa; alimentação, respiração, movimentação, não esquecendo que é com essa alma e com esse corpo que percebemos o mundo a nossa volta e nos relacionamos com ele. A Terceira Casa trata das relações desse corpo&alma com os outros indivíduos. Para Sorrentino (199\_?), "*é dentro dessa instância que incluímos os estudos sobre dinâmicas de grupo e a proliferação dos trabalhos sobre as relações interpessoais e transpessoais e que abrange as questões dos relacionamentos afetivo-amorosos, a família, a AIDS...*" (p.10). Já a Quarta Casa trata da dimensão ecológica, das relações desses indivíduos com a natureza e com o ambiente construído pelo próprio homem, do

*"distanciamento e a necessidade de aproximação da natureza por motivos de sobrevivência psicológica e física, até questões de insalubridade no ambiente de trabalho, passando por questões como a impermeabilidade dos solos, erosão, enchentes e o direito de todos ao ar limpo... e não estímulo ao consumismo e aos descartáveis, a questão da reciclagem, etc."*, (p. 10).

E finalmente, a Quinta Casa que trata das políticas públicas, "*forma de gestão do espaço comum - as legislações e políticas públicas; as instituições para implantar essas políticas*" (p.10).

Assim nasceu a ideia de uma Educação Ambiental que partisse da associação das duas primeiras casas. Uma proposta para Educação (Ambiental)<sup>2</sup>, cuja proposição assentava-se na "sensibilização" para a "conscientização", ou, em outras palavras, a re-união de sistemas *lineares* (cognitivos) e *não lineares* (afetivos) de informação, alterando padrões de decodificação de informações, numa leitura do mundo interno e externo que segue o que os budistas chamam de *caminho do meio*, do equilíbrio, neste caso, razão e emoção, mente e coração. Isso pode ocorrer quando os conceitos sobre os temas "biopsicosocioambientais" são associados a *sensações* provenientes do meio ambiente e, a partir dele, alterar padrões de comportamento, seja individualmente, socialmente, ou da relação desses com o meio natural, para que construam um padrão de percepção e ação fundamentadas em valores ambientalmente desejáveis.

As experiências emocionais corporais dirigidas de acordo com esta "proposta" representam apenas um caminho, conseguido com certa dose de "imaginação", de "criatividade" (*insights*), tendo o afeto como o passaporte para que as informações que chegam até um indivíduo tenham maior garantia de compreensão e apreensão (seleção<sup>3</sup>), devendo, neste percurso, serem filtradas e/ou "interpretadas pelo coração" (*aisthesis para os gregos*), ou, como popularmente se diz - "serem sentidas na pele" - o que envolve certa dose de emoção. Esse trabalho com a dimensão afetiva é a condicionante da motivação humana .

Certa ocasião, em 1996, ao tentar explicar o trabalho que tentávamos desenvolver, argumentamos que ninguém ama aquilo que não conhece, aquilo que não sabe que existe. Esse argumento viria, mais tarde, a dar origem aos pressupostos dessa proposta. Portanto, era necessário, acima de tudo, conhecer a "dinâmica" que "anima" a natureza, esta perfeita "organização" que sustenta os sistemas vivos e não vivos, o nosso corpo, os ecossistemas e seus processos de regulação... Chamamos esse momento de TOMAR CONTATO com essa perfeita organização que é a natureza, da qual fazemos parte. Uma forma de receber informações, de conhecer/reconhecer a ordem dinâmica desta natureza, sua organização ou, auto-organização.

A partir das reflexões originadas das experimentações teórico-práticas, percebemos que todo o processo de percepção e formatação desta proposta ocorre durante a **1ª Fase - Tomar Contato (ou com-tato)** e não simplesmente – **conhecer**. Todos já ouviram o jargão: precisamos conhecer para respeitar! - carregado de componentes cognitivos e desprovido (ou pouco provido) de componentes afetivos. Em outras palavras, é o contato com as informações, que produzirá o conhecimento, mas dependerá da forma como essas informações são apresentadas a um indivíduo, da diversidade das experiências sobre um mesmo tema (abordagem transdisciplinar, complexa ou sociopoética), à profundidade com que é tratado ou das experiências corporais/emocionais exploradas. Este com-tato (afetivo e racional) se baseia nas experiências de equilíbrios e desequilíbrios internos, biopsíquicos como ponto de partida para as questões exteriores.

Se realmente tivermos uma percepção das potencialidades do corpo, de como ele é perfeito - suas partes tão perfeitamente ajustadas, interdependentes, servindo de habitat para outras espécies essenciais a vida como as bactérias que naturalmente habitam os intestinos (um ecossistema, como já é considerado por outros cientistas), assim como o embricamento dos elementos da natureza, são grandes as possibilidades de que promovermos um maravilhamento com tão perfeita produção da evolução. Esse momento é marcado pela ADMIRAÇÃO.

É importante lembrar que, em algumas situações, a “admiração” leva o indivíduo de volta ao TOMAR CONTATO, no desejo de conhecer mais, de sentir mais, pois é justamente a admiração que impulsiona um indivíduo a aprofundar seus conhecimentos sobre algo, desencadeando uma sequência de conheceres. Neste caso, o objeto desta proposta é a apresentação ou representação de um fenômeno, de um conceito, de uma imagem, apresentação essa recebida pelo maior número de canais de entrada de informações possíveis e com maior intensidade, como forma de tomar contato, de causar impacto, revelando de forma mais intensa, as maravilhas da natureza. Por esse motivo então, o “admirar” ser consequência.

Esse ADMIRAR é o primeiro passo para envolvimento mais profundos, afetivos - um GOSTAR, ou, quem sabe, um AMAR. Afinal, por que nos apaixonamos? Como consequência desse envolvimento afetivo estaria o

RESPEITO afinal, só se respeita àquilo que se admira, que se ama, como dito anteriormente. A partir deste RESPEITO é acontece a motivação para a CONSERVAÇÃO. Assim conservamos a nós próprios, a objetos, pessoas, lugares... Precisamos despertar a consciência do “valor” de cada parte que envolve nossa existência e que todas elas formam um único corpo, ou uma única CASA, onde tudo se inter-relaciona e se interinfluencia (Quadro 1).

*1ª Fase, TOMAR CONTATO* – “ninguém pode amar ou se envolver com aquilo que nunca experimentou – logo, precisamos tomar contato”.

*2ª Fase, ADMIRAÇÃO* – “se conhecemos e reconhecemos a dinâmica que rege nosso corpo, a natureza, poderemos aumentar a possibilidade de admirá-los”.

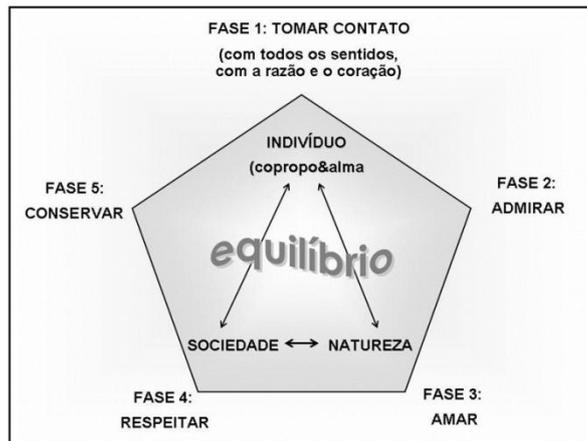
*3ª Fase, AMOR* – “a admiração poderá gerar amor”.

*4ª Fase, RESPEITO* – “o amor poderá gerar respeito”.

*5ª Fase, CONSERVAÇÃO* – “o respeito poderá gerar motivação e engajamento para ações de conservação: do meu corpo (estado biopsíquico), de uma sociedade justa, de bens culturais ou naturais”.

Quadro 1 – Pressupostos do “Modelo das 5 Fases”

Consideramos que essas demais fases são desdobramentos da primeira, nunca esquecendo que esse processo de in-formação deve sempre passar pelas três dimensões ambientais (Quadro 2) - Indivíduo (corpo&alma), Sociedade (relações interpessoais), Natureza (ambientes construídos e naturais), reconhecendo suas inter-relações, positivas e negativas, consequentes ações para possíveis saídas e a necessidade de recuperar valores de respeito pelo meio onde vivemos, a partir das experiências afetivas.



Quadro 2 – Relação I-S-N e o “modelo das 5 fases”

Ao percorrermos esse caminho, estamos contemplando a motivação para a ação, para a transformação dessas três dimensões ambientais. Assim, onde lemos “admiração” poderemos ler - “admiração”, da mesma forma - “conserva-ação”, e assim, estaríamos “tentando” colaborar para a formação de um padrão de decodificação, codificação e ação de indivíduos para que conheçam e reconheçam seus papéis na construção de sua própria felicidade, de uma sociedade mais justa e de ambientes naturais e construídos conservados. Para tanto, a EA de Corpo&Alma prevê a necessidade de (Ribeiro, 1998):

- ✓ Haver maior exploração dos órgãos dos sentidos, por meio de contato com elementos naturais ou com a própria natureza, de forma que as mensagens sejam experienciadas pelo corpo todo;
- ✓ Ter o corpo como ponto de partida, desenvolvendo analogias com outros ecossistemas, inclusive o urbano e seus aspectos socioambientais, reconhecendo suas interdependências e influências mútuas;

- ✓ Favorecer a percepção de que tudo que acontece no universo acontece em nosso corpo e vice-versa;
- ✓ Explorar igualmente conteúdos cognitivos e afetivos de informação;
- ✓ Utilizar uma vasta gama de instrumentos paradidáticos como as *atividades anímicas – que afetam a alma* (RIBEIRO, 2007) para atingir os itens anteriores, utilizados como instrumentos que informam sobre a dinâmica dos ecossistemas e seus problemas, além de promoverem ações regeneradoras do equilíbrio interior, social e, conseqüentemente, dos ambientes naturais e construídos, a exemplo das dinâmicas e vivências grupais, atividades lúdicas e danças circulares.

Podemos perceber uma grande similaridade com as características da sociopoética, embora nosso contato com as experiências de Gauthier tenham ocorrido somente em 2011.

Dez anos mais tarde, um inevitável amadurecimento resultante de inúmeras intervenções com educadores, universitários, jovens e crianças entre eles um grupo de jovens em situação de risco social, operários e empresários, percebemos que a *casa da alma* era a mais importante de todas elas, era aquela que trazia as mudanças mais significativas à tona e era na qual estava assentada os valores que orientavam o dia a dia desses seres.

Certa ocasião (mais uma vez), para explicar como a EA de Corpo&Alma poderia colaborar num trabalho de consciência mais profundo, percebemos que os Valores Humanos, também chamados “universalmente desejáveis” são a base para a vida harmônica que buscamos em qualquer uma das CASAS. Percebi que a fase TOMAR CONTATO de corpo&alma, poderia ir mais fundo que a consciência das emoções humanas, tristeza e felicidade, amor ou raiva e suas. Fazia-se necessário que este TOMAR CONTATO acontecesse a partir das percepções internas, muito além das nossas emoções e suas conseqüências. Voltar à filosofia – quem somos nós (ou quem deixamos de ser)? Para isso é necessário que nos conheçamos para poder admirar, o que somos em nossa essência, admirar para querer saber mais sobre nos mesmos e como nossa

mudança reflete na mudança exterior, na mudança do mundo. Amar e respeitar a si como seres encantadores e amorosos que somos. Quem respeita a si, ama a si próprio, numa concepção ecológica profunda ou espiritual, não age nem re-age de forma a colaborar para a desarmonia das demais CASAS. Alguém poderia indagar - *mas uma pessoa pode amar a si e ser a responsável pela aniquilação de uma grande extensão de manguezal ou de restinga*. Uma vez que somos todos interdependentes, e, se este ser não tem esta percepção, se guiado pelo poder, pela ambição, o amor não habita seu coração. Está longe de ter os VH guiando sua vida.

Em uma analogia entre o educador ambiental e os médicos alopata (trata a doença) e o homeopata (que trata a causa), pode assim dizer que a EA de Corpo&Alma busca nos Valores Humanos um *acordo*, ou um *acordamento*. Da mesma forma o educador ambiental pode simplesmente conscientizar (razão) para curar a causa (desequilíbrios de toda ordem) como vem fazendo ainda um grande número de educadores ambientais. Os mais antigos na jornada da EA sabem que as consequências vão continuar existindo se não curarmos a causa. A sensibilização foi apenas um passo em relação à formatação de uma EA curadora dos cenários que não desejamos, a partir do afeto, a exemplo da expressão “o meio ambiente começa dentro da gente” tão cantada nos há anos atrás, e que pode ser interpretada de muitas formas.

#### **4. Enfim, o acordo**

Embora existam muitos paradigmas para o estudo dos VH, foram os ensinamentos deste educador indiano, Sri Sathya Sai Baba (1926-2011) que, aos poucos, foram sendo incorporados a EA de Corpo&Alma ao mesmo tempo em que pontos de intercessão entre os seus ensinamentos e esta proposta de EA eram encontrados, como seu próprio nome, EA de Corpo&Alma, que trabalha o corpo, as experiências sensoriais e a alma, o mais íntimo do ser.

Para este educador, uma vez que estamos interessados em sua obra e contribuição deixada à *Educação em Valores Humanos*, destacamos alguns pontos que os definem como:

- ✓ Os princípios morais e espirituais que fundamentam a consciência humana.
- ✓ Não são ensinados, mas estimulados e resgatados de dentro do coração.
- ✓ Estão presentes em todas as religiões e filosofias, independente de raça, sexo ou cultura.
- ✓ Não são passíveis de serem obtidos de um texto e nem fornecidos por qualquer companhia, não podem ser presenteados por amigos e nem comprados no mercado.
- ✓ Uma atitude natural que provém do coração. Estão presentes naturalmente em nós.
- ✓ São virtudes e dons divinos que fazem parte da *real natureza humana*.

O que chama a atenção no pensamento de Sri Sathya Sai Baba, é a importância que dava a formação do caráter o qual é representado pela unidade entre *pensamento, palavra e ação*, cuja unidade está fundamentada no caráter e que resulta na verdadeira felicidade. Para este educador, fazendo os VH parte da formação do caráter, via no autoconhecimento a forma de reconhecer os próprios valores a fim de eliminarmos os desvios de caráter que não são inerentes a *real natureza humana*, mas adquiridos ao longo da vida e esta formação recai sobremaneira na Educação. Da mesma forma que os comportamentos pró socioambientais também passam pelo caráter, uma vez que as disparidades entre nossas convicções intelectuais, discursos e atitudes, devem ser coerentes, não havendo demagogias. Estes, para serem coerentes, têm que ter suas bases, seus alicerces, em padrões que guiam o viver humano, não havendo distinção entre a dimensão “corpo&alma”, a dimensão social ou a representada pelos ambientes naturais e construídos. Estas três dimensões são unas, se interrelacionam e se interinfluenciam.

Aziz Ab'Saber consegue integrar em sua definição para a Educação Ambiental, os pontos de maior relevância tocados por esta proposta de acordoamento. Para Ab'Saber, Educação Ambiental

*“é um processo que envolve um vigoroso esforço de recuperação de realidades e que garante um compromisso com o futuro. Uma ação entre missionária utópica destinada a reformular comportamentos humanos e recriar valores perdidos ou jamais alcançados. Trata-se de um novo ideário comportamental, tanto no âmbito individual quanto coletivo” (Disponível em, <http://educar.sc.usp.br/biologia/quadrinhos/definicao.jpg>, acessado em 17 de março de 2009, 12:47:23)*

Assim, a EA acordada com os VH colabora para que sejamos educadores ambientais de corpo&alma, numa missão visionária, recriadora de valores perdidos ou jamais alcançados, pois nos perdemos buscando soluções externas, para as mazelas do mundo externo, que por sua vez, foram provocadas pelas falhas do caráter humano.

A seguir, destacaremos alguns de seus ensinamentos e os comentaremos. Estes trechos foram extraídos dos seus *discursos* organizados entre 1953 e 2010 (disponíveis em <http://www.sathyasai.org.br/discursos/consulta> e da coleção chamada “Chuvas de verão” (disponíveis em <http://www.sathyasai.org.br/discursos/chuvasdeverao>).

#### **4.1 Educação para a vida**

*“A educação atual não é realmente educação; é somente informação; é levar de fora para o cérebro. É só para se ganhar a vida. Educar é extrair o que já está no interior do ser humano, os VH e os fazer fluir permanentemente desde seu coração espiritual. É compreender que o ser humano é um com a natureza, com todo o criado e com o Criador. Educar é educação para a vida”.*

Neste sentido, percebemos hoje o resultado de uma educação fragmentada, focada no conceito e alijada da educação do Ser. Embora algumas escolas tenham as disciplinas Filosofia e Religião, estas são trabalhadas conceitualmente, quando poderiam ser oportunidades de educação para a vida, aprender na ação. Há um

acordo entre a EA de Corpo&Alma, a Sociopoética e a forma com que Sai Baba sugere que a educação seja trabalhada, como veremos adiante.

O conceito espiritual de um saber inato, se difere da compreensão do ser humano como “tabula rasa” difundido por John Locke. Educar é extrair de dentro aquilo que intuitivamente já existe e não fazer das cabeças de educandos e educadores (formações continuadas), meros receptáculos de informação a serem incorporadas e adotadas, sem contudo despertar o caráter *instrutivo*, como a própria expressão lembra, *in*, colocar de fora para dentro.

Quando colhíamos os primeiros resultados da EA de Corpo&Alma, fomos indagados sobre os referenciais utilizados e a resposta foi: nenhum. A fundamentação teórica foi colocada como forma de dar explicações científicas para os resultados que eram colhidos. As *atividades anímicas*<sup>4</sup> desenvolvidas eram resultado de um modelo de aula que sonhava enquanto jovem. Ela nasceu dos sonhos, na intuição. Quantos já passaram por esta experiência?

## 4.2 Educação

*“Qual é o significado fundamental da Educação? A palavra deriva-se da raiz latina Educare. Significa extrair o que está dentro. Todos estão dotados de todos os tipos de potencialidades: físicas, mentais e éticas. O verdadeiro objetivo da Educação é fazer explícitos os poderes inatos do homem. Estes são de dois tipos. Um se relaciona com o conhecimento das coisas externas, e o órgão que manifesta este poder é a cabeça (o cérebro). O órgão que nos permite extrair o conhecimento interno é o coração. O primeiro está relacionado com a existência física, enquanto o último está relacionado com o saber superior ou a vida em seu verdadeiro sentido. A vida se tornará ideal só quando ambos os tipos de conhecimento se manifestem em harmonia”.*

*“Educar (educare) é quando nos sensibilizamos e ajudamos a sensibilizar os jovens para que comecem a ser pessoas solidarias, compreendendo a dor e a tristeza de nossos irmãos (compaixão), e os sentindo nossos. Quando se toma consciência de que não há diferenças entre uns e outros, então nos convertemos em pessoas solidarias”.*

Embora nem todas as teorias em Educação Ambiental apresentem estes aspectos, a solidariedade é o que motiva o verdadeiro educador ambiental, aquele que age por *amor* e não por *medo* de ser afetado pelos desequilíbrios socioambientais, pois ele vê no outro (seres vivos e não vivos) a sua extensão. Não pode ser feliz se os outros não o forem. Ama o outro porque entende que são iguais (CONTATO), possuem uma mesma dinâmica biológica, fazem parte de uma maravilhosa trama que não pode ser corrompida.

Quantas pessoas respeitam a natureza e são desprovidas dos conhecimentos externos (conceitos), mas o fazem guiadas pelo conhecimento inato, pela voz do coração. Este é um dos motivos pelo qual o educador indiano afirma que a *“vida se tornará ideal só quando ambos os tipos de conhecimento se manifestem em harmonia”*. O próprio Jesus dizia que só atingiríamos o “reino” (plenitude) pelo *raciocínio* e pelo *coração*. O coração responde, por exemplo, como aplicar o conhecimento externo em nossas vidas. Aí entra o caráter. Se sabemos das consequências das formas insustentáveis de produção, por qual motivo ela é perpetuada? Onde mora a decisão pela exploração da natureza e da natureza humana? O caráter humano é o motor das suas ações, boas ou más.

### 4.3 Valores Humanos

*“Quando reconhecerem o valor da vida humana, serão capazes de compreender os VH. Os Valores Humanos nascem com o ser humano, nem antes nem depois. O ser humano tem que se perguntar: qual é o propósito da vida? Quando o ser humano encontrar a resposta a esta pergunta, poderá compreender todo o mais neste mundo. O ser humano está dotado de inteligência e conhecimento, mas vai à procura da ignorância que está longe dele”*.

*“Os Valores Humanos, a saber: Verdade, Retidão, Paz, Amor e Não violência, estão ocultos em cada ser humano. Não podem ser adquiridos no exterior, têm que ser extraídos de nosso interior. “Educar” significa extrair os Valores Humanos. “Extraí-los” consiste em transformá-los em AÇÃO”*.

O conhecimento racional, conceitual, todos sabemos, não é garantia de caráter ou de comportamento ético socioambiental. Muito pelo contrário. A educação externa alimenta também o ego representado pela nossa razão, pelo

mundo externo, daí a vaidade intelectual, dando margens ao poder e até mesmo a arrogância que impõe como verdadeiro, apenas o conhecimento fruto da razão e da mensuração. Esta vaidade focada no “meu”, no “eu”, nos afasta na *real natureza humana*, contraria os valores humanos, a exemplo da humildade. Só o caminho do coração permite a sublimação do intelecto.

O conhecimento tem sua importância quando não é apenas conhecimento livresco, pois quando está associado a *real natureza humana*, podemos colaborar para a melhoria da vida dos “outros”. Em outras palavras, a sabedoria milenar indiana ou oriental já pregava e o que os pesquisadores hoje re-encontram, o equilíbrio entre razão e emoção, pensamento linear e não linear, hemisférios direito e esquerdo do cérebro, neocórtex e sistema límbico (RIBEIRO, 2005, 2009). Ignoramos o fato de que aquilo que buscamos de mais precioso já habita seus corações.

Sócrates, Gilgamesh, Moisés, Platão, Cristo e Maomé utilizaram a meditação (o silêncio da mente) para compreender a natureza humana (JOHNSON, 1995). Silenciando a mente, ouve-se a sabedoria interna, de onde brotam os *insights*. Jung também recorria ao silenciar da mente, chamando a esse método de “imaginação ativa” (JUNG, 2006). Einstein dizia pensar 99 vezes e nada descobrir. Deixava de pensar, mergulhava no silêncio, e a verdade lhe era revelada (ROPER, 2009).

#### **4.4 Amor**

*"A verdadeira educação é a que fomenta sentimentos puros. Possuir virtudes é o verdadeiro significado da aprendizagem. Só quando o homem cultiva o sentimento de Amor, pode ter igualdade. A boa conduta é o selo distintivo de um verdadeiro ser humano".*

*"Os Valores Humanos não podem ser ensinados como tais senão que devem ser compreendidos. Devemos compreender que estamos a comunicar com os alunos, com seu Eu real, que é o mesmo que o Eu real nosso, e que a parte essencial dos alunos, que entra em contato conosco é exatamente a mesma que a nossa. Portanto, a comunicação com eles deve ser de coração para coração, e não da razão para a razão".*

Ninguém deixa de fumar por conhecer as consequências deste hábito ao organismo. Sabemos que a informação (conhecimento externo) não muda valores. Como alguém pode ser grato ao meu corpo, a CASA que sustenta a meus sonhos, se vive a destruí-lo? A gratidão é uma virtude derivada do amor. Se não aprendemos a ser gratos a “Mãe Terra”, pelo que comemos e bebemos, como podemos verdadeiramente respeitá-la? Este é um aspecto que a sociopoética dá importância, pois tem um sentido espiritual no processo de construção dos saberes. Neste sentido, Boff (2001) lembra que espiritualidade é tudo que produz mudança (interior)<sup>5</sup>. Muitos grupos tradicionais antes de sacrificarem um animal ou comê-lo, fazem rituais de gratidão. A gratidão é uma virtude. Como posso respeitar aquilo que não amo, não re-conheço sua importância (razão e emoção)?

Na re-organização da construção dos saberes, devemos re-conhecer o que já existe em nós. Significa retrabalhar o olhar, mudar a maneira de ver. Ver é diferente de olhar. As pessoas olham e não vêem – ver é com os olhos da mente e olhar é com os olhos do coração. Ver quer dizer, “desconstruir e reconstruir de outro modo”, já dizia um amigo. Escolher entre o VER e o OLHAR é visão dualista, temos que entrar nos tempos das unificações, dos acordos, reconhecendo as complementaridades. Re-conhecer significa perceber com o coração, aquilo que em nosso mais íntimo já sabemos, não exatamente os conceitos, mas sua essência, ou então o pensamento complexo, a transdisciplinaridade, a sociopoética, ou a análise qualitativa não teriam surgido (tudo muda, já dizia Heráclito)!

É preciso sentir, perceber, e re-conhecer o outro em nós, daí - educar de coração para coração e não de razão para razão, como quem programa um computador, com vistas a provas, exames, SARESPs<sup>6</sup> ou vestibulares. O resultado desta educação está nos noticiários e TV. Onde há compaixão, não há *bulling*. Onde há respeito, não há destruição. Neste sentido, a EA de Corpo&Alma, já esboçava em suas entrelinhas a importância das virtudes humanas. Conhecimento de corpo&alma (razão e coração), gera amor, amor gera respeito e respeito gera conservação.

Durante o IV Fórum de EA ouvimos duras críticas quando fizemos a seguinte afirmação: “O devir da Educação Ambiental é o amor”. A crítica era: “Como podem falar em amor quando há tanta gente morrendo de fome?”. Um exemplo de como a razão torna um ser humano incapaz de perceber que a origem da fome está na falta de amor, nos desvios do caráter.

#### 4.5 Natureza

*“Se observarmos a natureza em algum lugar onde o ser humano não tivesse chegado ainda, veríamos que nela reina a harmonia, e que a cada ser se inter-relaciona com outros; os pássaros, as bactérias, os mamíferos, os peixes, as plantas, são interdependentes uns de outros, e ainda com as coisas inanimadas. Todos os componentes da natureza estão a desfrutar uns de outros, a cada um a sua maneira, contribuindo ao desfrute e à extensão da divindade, dando origem à multiplicação na diversidade. A diversidade, portanto, dá-nos uma grande quantidade de prazer e alegria, e o homem, como parte da natureza pode ser feliz e estar cheio de paz, quando está em harmonia com ela”.*

*“Mas o ser humano, teve sua visão obscurecida por seus inimigos: a avareza, o orgulho, a ira, a ambição, o poder, etc., tem rompido com as leis da natureza, provocando com seus atos, a ruptura do equilíbrio da mesma, e o do seu próprio”.*

*“Perguntado Sai Baba sobre como poderia o homem voltar a recuperar sua pureza perdida e a harmonia, e com ela o equilíbrio da natureza, respondeu que unicamente praticando os Valores Humanos”.*

Percebemos que a noção de sistemas organizados está também na formação dos Valores Humanos, o que inclui a noção de interdependência e interinfluência. Os desvios de caráter são os responsáveis pelo cenário que não nos agrada ver.

A Educação Ambiental acordada com os VH, busca arar o solo mental (onde as impressões ficaram armazenadas) para poder depositar as sementes que farão brotar o comportamento que trará equilíbrio entre os seres e os ambientes em que vivem. Para isso, necessitamos envolver, mostrar as belezas que compõem as várias formas de vida, do germinar de uma semente trazendo dentro dela toda “orientação” genética que resultara em seu comportamento morfológico e fisiológico, a dinâmica dos ecossistemas, a sua relação de interdependência entre seus elementos... “Mostrar” a beleza na dança dos insetos e pássaros polinizadores. A natureza é nobre sedutora, não necessitamos buscar artifícios. É contemplação. É isto que é Educar. Isso não se ensina se experiência, assim como os Valores Humanos. São oportunidades como estas que ajudam a extrair o que já está dentro. Eis uma forma de *acordamento*. O encantamento gera admiração, a admiração gera amor e o amor gera respeito e conservação.

Você pode pensar, mas e se começamos a trabalhar a partir da luta que natureza (externa)? Diria que se o fez, foi porque seu coração foi tocado. E trabalhando o mundo exterior, como numa *via de mão dupla*, estará trabalhando seu interior. Re-descobrimo e alimentando seus reais valores.

#### 4.6 Mente, coração e mãos

*"Considerem-na como os "3 Hs", isto é, Coração, Cabeça e Mãos (Sai Baba se refere aos 3 "Hs" das palavras em inglês Head, Heart and Hands). Dizemos que o estudo adequado da humanidade é o SER HUMANO. A cabeça, o coração e as mãos têm de cooperar e funcionar em harmonia. Não há VH maior que este. Isto pode ser ensinado facilmente. É como ensinar exercícios físicos. O pensamento, a palavra e a ação devem ser o mesmo. Do contrário os VH desaparecerão. Portanto, esta harmonia, esta unidade é essencial, de outra forma a humanidade está perdida. Nas pessoas maldosas, o pensamento, a palavra e a ação não se harmonizam. Nos virtuosos, a mente, a palavra e a ação são iguais, harmônicos. Portanto, devem propagar este caminho fácil. O pensamento, a palavra e a ação devem ser coerentes. Assim é como devem o ensinar".*

Da mesma forma dizia Maturana, *"como vivermos é como educaremos, e conservaremos no viver o mundo que vivemos como educandos. E educaremos outros com nosso viver com eles, o mundo que vivermos no conviver"* (2001, p.30) e a celebre frase creditada a Gandhi, *"seja você a mudança que quer ver no mundo"*. São as mudanças internas que garantem a conduta, o lapidar do nosso caráter, pois estão na base de uma sociedade justa e igualitária e da conservação dos nossos bens<sup>7</sup> (e não recursos) naturais (RIBEIRO, 2003).

#### 4.7 Atividades anímicas

*"Sai Baba disse-nos que temos começar o processo de transformação. Ir da multiplicidade à unicidade. Para isto nos deu técnicas de transformação: sentar-se em silêncio, meditar, rezar, criar pensamentos positivos, reflexionar, cantar em grupo, conhecer contos e histórias relevantes, e participar nas atividades grupais. As atividades a realizar têm que conseguir que os jovens se relacionem*

*reciprocamente e cresçam socialmente este é o princípio divino de Educar”. “Os educadores têm que introduzir a experiência como técnica de aprendizagem”. “É muito importante dar aos jovens a oportunidade de explorar e experimentar, por isso são tão importantes, sempre que possível, as aulas em contato com os cinco elementos da natureza. Os cinco elementos não têm que ser ensinados aos jovens, somente têm que ser vivenciados. Quando os meninos experimentam, entendem; quando entendem, aprendem rápido, e então praticam. Os jovens devem ser estimulados a experimentar e descobrir por eles mesmos. Quando começarem a experimentar os Valores, começarão a experimentar os aspectos da própria divindade quando observem a natureza”.*

Lembramos aqui a *via de mão dupla* já citada. As “atividades anímicas” assim chamadas na EA de Corpo&Alma são atividades que de alguma forma tocam nossa alma – anima (RIBEIRO, 2007). “Sentar-se em silêncio, meditar, rezar, criar pensamentos positivos, reflexionar, cantar em grupo, conhecer contos e histórias relevantes, e participar nas atividades grupais”, correspondem ao rol de atividades anímicas sugeridas pela EA de C&A bem como, danças grupais, exercícios de exploração dos sentidos, cantos, técnicas de arte-expressão, dinâmicas e vivências grupais, trabalhos com a terra, leituras de temas filosóficos, contação de histórias, entre outros.

Alves (1997) em “A festa de Maria”, aponta como um dos nossos sentidos - a visão, pode alterar nosso ânimo (alma): “Quando se vê bem, a alma fica luminosa, o mundo se enche de arco-íris e as pessoas ficam transparentes”, (p.42). Os sentidos dos poetas e dos artistas, em geral, são sentidos mais afinados, têm a emoção mais à flor da pele. As coisas belas, que enchem a nossa alma estão à nossa volta, vêm do meio ambiente, como o sol se pondo no horizonte recortado por edifícios numa grande cidade, como o canto de um pássaro, a trama perfeita de uma teia de aranha carregada de gotas de orvalho, vem de um olhar, de um sorriso, um abraço. São os prazeres que Rubem Alves diz morar em nossos olhos, nariz, ouvido, boca e pele... São nossos órgãos do sentido que dão sentido à nossa vida.

Quanto mais SENSIBILIDADE, mais intenso se torna o SENTIDO de nossas vidas. Daí a necessidade das experiências corporais como caminhos para uma EA verdadeiramente de corpo&alma. Esta mesma necessidade é lembrada

pela sociopoética. Uma orientação que também está presente neste Educar. A Educação Ambiental então deveria ensinar a sapiência, o saber com sabor. Uma educação “sociopoética”.

#### **4.8 A intuição**

*“No indivíduo, além do intelecto, além da mente, existe uma qualidade indefinível chamada intuição. A intuição é o conhecimento claro (ou percepção), íntimo ou instantâneo de uma verdade, sem o auxílio da razão. São os detalhes da verdade e da iluminação, que vão desde a Consciência Universal até o consciente”.*

Para esta sabedoria milenar ou cósmica, a intuição não é parte da razão, ela passa pela razão, pelo cérebro que codifica a mensagem que inicialmente é apenas sentimento, sem palavras, em pensamento, em palavras. Segundo Sri Sathya Sai Baba, a mente está a pensar ininterruptamente, não permitindo um ínfimo espaço entre um pensamento e outro. Quando silenciemos a mente, abrimos espaços para que os *insights* surjam.

#### **4.9 Causa e efeito**

*“Sabemos que existe uma lei de Causa e Efeito. Nosso comportamento seja bom ou mal é o efeito. Sai explica este processo da seguinte maneira: Os PENSAMENTOS produzem SENTIMENTOS, os quais conduzem AÇÕES, que, se repetidas se convertem em HÁBITOS; Os HÁBITOS se solidificam formando o CARÁTER, e este determina o comportamento. Então se queremos mudar nossos hábitos, devemos ter o controle de nossos pensamentos. Assim damos início à purificação da mente”.*

Assim, agimos de acordo com os nossos valores. Alguns re-agem de acordo com seu caráter, que mora na mente. Dizem que os sábios agem e que apenas os tolos re-agem. Reação é consequência dos nossos desvios de conduta e são aquelas ações guiadas pela raiva, pela intolerância, impaciência, desrespeito, são comportamentos instintivos resultante da falta de amor. Controlar nossos pensamentos significa perceber quem não somos. De acordo com muitas filosofias espiritualistas, somos seres divinos e, portanto somos perfeitos, assim

como nosso caráter. Reconhecer nossas falhas de caráter faz com que estes sejam substituídos pela perfeição que habita em nós.

Sri Sathya Sai Baba diz que o estado emocional natural do ser humano é em paz. Esta paz deixa de existir quando a preocupação, a raiva, o ódio, a ganância e o poder, por exemplo, invadem nosso ser. Assim, damos vazão a atitudes que “podem” contribuir para a ausência de paz também no âmbito social e nos ambientes construídos e naturais.

## 6. Paz e Harmonia nos Valores Humanos

Não temos dúvidas que os novos paradigmas, complexos – transdisciplinares ou sociopoéticos, ao incluírem a espiritualidade como característica, abrem portas e janelas que clareiam a nossa mente e trazem a “luz” que necessitamos para que os pré-conceitos sejam eliminados e novos acordos estabelecidos.

Ribeiro (2003) sugere que o conhecimento sobre o mundo em que vivemos é composto por experiências das mais diversas origens, formando uma verdadeira colcha de retalhos. Lembra que uma colcha de retalhos não se faz apenas unindo pedaços de tecido com linha.

*“O segredo está no arremate, nos pontos que unirão as partes... Que transformarão os pedaços das fibras já tecidas, na colcha que nos protegerá, por exemplo, da extinção da nossa própria espécie. O instrumento utilizado para tal operação é a agulha, sem ela, tecido e linha nunca formarão uma colcha. Que agulha mágica seria essa, capaz de dar ao conhecimento sobre o mundo, a visão que transcenda as partes, e que nos de a visão do todo, formado de partes interdependentes? Quem, em termos de Educação, nessa analogia, representaria a agulha? Quando encontrarmos esta agulha, no palheiro dessa nossa complexa sociedade planetária, a Educação Ambiental terá cumprido sua função, e não mais terá que existir, pois terá sido a agulha mágica que transformará a Educação na colcha que procurávamos e que acolherá as gerações futuras. Neste dia, a Educação (sistêmica), ao oferecer conhecimento sobre o mundo, das disciplinas aos valores humanos, estará preparando para a vida, uma vida com qualidade, onde coexistam, seres humanos, águas, ar, vegetais e animais de maneira harmônica e equilibrada, dinamicamente equilibrada e onde a “diversidade” possa ser “valorizada em todos os níveis, do cultural ao biológico” (p.26-27).*

Pressupõe-se que onde há paz, há harmonia entre bichos coisas e pessoas<sup>8</sup>, e isso corresponde a um lugar onde os Valores Humanos estejam presentes, onde o saber, o sentir e o agir correspondam a uma forma sabia de viver. A Educação Ambiental, enquanto for puramente transmissão de informações, não atingirá

seus verdadeiros propósitos, pois não mudará valores. Se buscamos a formação de uma ética de convívio sustentável, temos que investir no mais profundo alicerce da existência humana, no caráter humano.

A incorporação destes aspectos profundos da existência humana pode tornar as intervenções em Educação Ambiental um trabalho de corpo&alma. Ninguém deixa de fazer EA ao incorporar os VH, apenas buscam um caminho onde o conhecimento intelectual está associado ao coração. É simplesmente um acordo. De certa forma, a EA sempre foi uma educação em VH. Teve início com a “conscientização”, depois, acordando para a contribuição freireana, partindo do cotidiano ou daquilo que afetava (afeto), fazia sentido. E a EA, em seu constante processo de evolução, agora incorporava a “sensibilização”. Porque não incorporar, no sentido de trazer para dentro do corpo, os VH, dentro deste permanente processo evolutivo, in-corporando a conscientização e sensibilização acerca das raízes da conduta humana. Esse acordo pode transformar numa consciência profunda do existir humano e esta consciência, resultante desta unidade se transformar em sabedoria que pode marcar os próximos tempos.

Cerca ocasião, Michele Sato me falava sobre a inexistência de uma palavra que significasse a evolução da disciplinaridade. Nenhum prefixo adicionado a “disciplinaridade”. Entendi que era a negação da disciplina. Então o que haveria? Liberdade? Hoje entendendo que o que há é simplesmente “conhecimento”. Da mesma forma a EA, quando esta for simplesmente educação para a vida, como na alegoria da colcha de retalhos, deixa de existir. Esta EA na qual sempre esteve contida, sem palavras, alguma forma de educação em VH ou para a paz, no sentido da busca do equilíbrio (dinâmico) dos ambientes onde vivemos e que tem início em nosso corpo, em nossa alma.

Já diziam os poetas que cantavam a importância das mudanças... *“Vai amigo, não há perigo que hoje possa assustar, não se iluda, que nada muda se você não mudar”* (Companheiro, de Marcelo Barra, Naire e Tibério Gaspar, hino da Guerrilha do Araguaia). Ou ainda... *“Muda que quando a gente muda o mundo muda com a gente, a gente muda o mundo na mudança da mente, na mudança de atitude não há mal que não se mude nem doença sem cura, na mudança de postura a gente fica mais seguro, na mudança do presente a gente molda o futuro!”* (Até quando! Gabriel O Pensador). Tudo muda, nada permanece, já dizia Heráclito. Para que nos tornemos sábios, necessitamos buscar mudanças interiores.

Quando mudamos internamente, mudamos o que está ao nosso redor. Somos feito gotas de chuva desenhando aros que se cruzam e se unem na

superfície tranquila de um lago, formando uma maravilhosa rede. Como dizia o personagem principal do filme “Cinco pessoas que você encontra no céu” em sua última fala, “*um afeta o outro e o outro afeta o próximo*”. Quanto mais centrados no amor, mais capazes de transformar o mundo nós seremos. A ciência já pode explicar este fenômeno.

Muitas fontes ligadas à espiritualidade garantem que o amor é a energia mais transformadora do universo. Talvez por isso cientistas, filósofos e líderes espirituais fossem tão categóricos em suas mensagens. “*Se algum dia tiver que escolher entre o mundo e o Amor, lembre-se: se escolher o mundo ficará sem Amor, mas se escolher o Amor, com Ele conquistará o mundo*”, dizia Einstein. Mahatma Gandhi dizia que “*O amor é a força mais abstrata, e também a mais potente, que há no mundo*”. Teilhard Chardin, “*só o Amor é capaz de unir os seres vivos de forma a completá-los e a gratificá-los, pois só ele os conduz e os une pela sua essência mais profunda*”. “*O conhecimento só produz mudanças na medida em que é também conhecimento afetivo*”, Spinoza.

Lembrando a definição de Ab’Saber, a EA *acordada* com os VH colabora para que sejamos educadores ambientais de corpo&alma, numa missão visionária, recriadora de “valores perdidos ou jamais alcançados”, pois nos esquecemos de buscar em nossos corações. Perdemos-nos buscando soluções externas, para as mazelas do mundo externo, que por sua vez, foram provocadas pelas falhas do caráter humano.

Acordar é despertar para uniões sem limites, sem nomes, internas e externas.

Estamos então acordados?

### **Referencias – da página 248 a 250**

ALVES, R. **A festa de Maria**. Campinas: Papirus, 1997.

ATLAN, H. **Entre o Cristal e a Fumaça. Ensaio sobre a organização do ser vivo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1992.

BOFF, L. **Espiritualidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001,

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

D’AMBRÓSIO, U. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.

DOMINGUES, I. **Conhecimento e Transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

JOHNSON, W. **Quem inventou a Meditação? Do Xamanismo a ciência**. São Paulo: Cultrix Pensamento, 1995.

JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos e Reflexões - autobiografia de Jung**. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GAUTHIER, J. **Filosofia crítica, comunicação entre culturas e sociopoética**. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem/Congresso Panamericano de Enfermería. 51,10. Florianópolis-SC. 1999. Anais. Florianópolis: ABEn, 2000, p.278-294.

GUEVARA, A. J. H. As relações entre o natural e o artificial e suas implicações educacionais, in: GUEVARA, A. J. H. et. al **Conhecimento, cidadania e meio ambiente**. São Paulo: Peirópolis, 1998. (Série temas transversais; v.2).

RIBEIRO, I. C. **Ecologia de Corpo&Alma e Transdisciplinaridade em Educação Ambiental**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista, UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Educação para a vida: uma experiência metodológica**. Tese de Doutorado. São Carlos: UFSCar, 2003.

\_\_\_\_\_. Atividades recreativas e Educação Ambiental: uma parceria imbatível, in SCHUWARTZ, Gisele. M. (org.), **Atividades Recreativas**, 2007.

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental de Corpo&Alma, trabalhando sentimentos e valores numa experiência com Agenda 21 Escolar**. Ribeirão Preto: São Francisco, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Alento: paz e sustentabilidade para o século XXI**. Rio Claro: Instituto Brasileiro de Educação para a Vida, 2009.

SANTOS, I. et al. **Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: abordagem Sociopoética**. São Paulo: Atheneu. 2005

MARIOTTI, H. **As paixões do Ego: complexidade, política e solidariedade**. São Paulo: Palas Athena, 2000.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2001.

PRIGOGINE, I. & STENGERS, I. **A Nova Aliança- Metamorfose da Ciência**. Brasília: editora da Unb, 1991.

ROPER, E. A. A. **Energia do Silêncio e o poder de concentração dos segredos não revelados**. Barbacena: Murano, 2009.

SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacque; FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de; PETIT, Sandra Haydée. **Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: abordagem Sociopoética**. São Paulo: Atheneu, 2005.

THOMPSON, J. J. **Anatomia da Comunicação**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1973.

WEILL, P. (et al) Axiomática transdisciplinar para um novo paradigma, in: Rumo à nova **Transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento**. São Paulo: Summus, 1993.

<sup>1</sup> Do grego *OIKOS*, que significa casa, habitat.

<sup>2</sup> Ou simplesmente "Educação", ambiental ou não. Se nossa "educação" não tivesse se distanciado das questões essenciais à vida, a nossa sobrevivência física e psicológica, não haveria a necessidade de uma "Educação Ambiental".

<sup>3</sup> A seleção é o terceiro passo do que chamamos "processo de comunicação" e leva em conta que os órgãos sensoriais são a porta de entrada de informações, a seleção está diretamente ligada ao modo de vida de cada indivíduo, representado por suas experiências, suas crenças, seus signos e valores, suas atitudes e potencial.

<sup>4</sup> Atividades anímicas, que tocam a alma – anima (RIBEIRO, 2007).

---

<sup>5</sup> Não seria o destino da Educação Ambiental e da Educação em Valores Humanos?

<sup>6</sup> SARESP, *Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo*.

<sup>7</sup> *Recurso é aquilo que nós usamos, tem carga utilitarista e bens são aqueles usamos sustentavelmente. A verdadeira sustentabilidade só se faz quando é produto da mente e do coração.*

<sup>8</sup> *Sonho do Profeta Isaías.*